

3ª Parte

Prosa de Ficção

Reisado Fatídico

Florival Seraine

“Andem! Vão trabalhar, cambada de preguiçosos!” João Lulu, Pedro Henrique, Manuel Nicolau, onde você se meteram?! vão trabalhar! Ainda antes do café matinal, já o Coronel Zé Rodrigues saíra exclamando, com a sua voz regongante, pelos alpendres, chegando até o pátio da fazenda “Bom Retiro”.

Era assim o gordo e corado proprietário daquelas terras, que insultuosamente tratava os seus humildes serviçais, embora estivesse certo de que nenhum deles costumava faltar ao cumprimento de suas obrigações. De fato, a essa hora já o Pedro Henrique, a cavalo e *encourado*, pasturava as reses soltas na extensa várzea enfeitada de carnaubeiras. O João Lulu desde cedo se empregava em tirar leite, no curral, para o fabrico de queijos e abastecer os moradores da área. O Manuel Nicolau cuidava das criações: bodes, carneiros, ovelhas, cabras, e de porcos nos chiqueiros.

Ainda por cima tudo o que faziam, a tarefa mais dura de cumprir, por mais bem executada, que fosse, para ele nada valia, era obra cheia de defeitos.

Era assim o Coronel: falava asperamente e sempre reclamava, mas essa rudeza de tratamento existia só na aparência, era um velho hábito, comum a outros fazendeiros da região e talvez herdado dos próprios antepassados.

Na realidade, era um homem generoso, amigo dos seus empregados e moradores, que não se zangavam com as suas expressões agressivas, porque conheciam a grandeza do seu coração nos momentos difíceis da vida. Naquela ribeira viviam outros senhores rurais, todos relativamente abastados, porque era próspera então a indústria extrativa da cera de carnaúba, de que se ocupavam os fazendeiros da região.

Mesmo nas épocas de calamidade pública - secas ou enchentes - não eram comuns os quadros de privação ou miséria total, entre os servidores ou agregados menos favorecidos de recursos para os gastos domésticos. Pairava sempre o grupo humano, ordeiro e trabalhador, a asa benéfica dos aquinhoados da fortuna.

Os divertimentos, as formas lúdicas urbanas ainda não haviam chegado. Porém, às pequenas comunidades de pastores e agricultores, dispersas naqueles latifúndios, muito distanciados da sede mu-

nicipal. Só bem raro algum forró por ocasião de batizado ou casamento, sob a latada ou no terreino de alguma humilde habitação de morador. Pelas "fogueiras" - como se dizia - particularmente às noites de São João e São Pedro, a caboclada, os homens do campo e suas famílias vinham para os arredores, enchiam o grande terreiro da residência principal. Ali se acendiam grandes fogueiras, onde se assavam batatas doces, macaxeiras, jerimuns e alguns nacos de carne de gado e de carneiro, que eram distribuídos com os presentes. Queimavam-se alguns fogos da temporada, que o Coronel mandava comprar no Retiro, um vilarejo próximo. Serviam-se aluá e pedaços de bolos de milho, grudes e pé-de-moleque. Do alpendre da casa, o proprietário e seus familiares assistiam à queima de fogos e ao movimento dos caboclos e cunhãs no amplo espaço fronteiro, os quais, só de raro em raro, tinham um ensejo, como aquele, de sair dos seus casebres isolados para o encontro com os da mesma classe: parentes, amigos, conhecidos.

- "Cumô vai, cumpade raimundo, mais a sua obrigação?"

- "O Coronéu, num teve pena di gastá este ano, i num s'isqueceu da gente; chamô tudo quanto era di moradô pra vim si diverti nas fuguêra!"... No transcurso das horas, já noite alta, havia as clássicas adivinhações de São João, algumas pessoas se faziam compadres à luz das grandes chamas. No meio daquela gente, de bons costumes e temente a Deus, havia sempre - como infelizmente se repete - alguém que só era semelhante aos outros na aparência física: indivíduo de maus instintos ou criminoso nato, mulher casada que costumava olhar com desejo sexual para o marido das outras.

As festas do período natalino nem sempre o Cel Zé Rodrigues as passava naquele rincão agreste a que dedicara a sua existência. Às vezes levava a esposa e filhos para o ambiente citadino, ficando hospedado no palacete de um irmão, em bairro dos mais distintos.

Naquele ano, porém, decidira ficar ali mesmo, ouvindo, pela manhã, o canto das graúnas e dos galos-de-campina na fronde das carnaubeiras e, à tarde, o lento aboio do Pedro Henrique tangendo o gado de volta ao curral. Ficava ali, tão diferente do meio urbano, onde esses dias costumavam ser festejados com bailes e lautas ceias. Ficava ali, que, como nas demais fazendas daquela ribeira, quando muito, se assava um peru ou preparava um leitão, para assinalar a passagem do Natal e do Ano Bom. Aos pobres nada afetava, em geral, a tradição dos festejos natalinos, não havia sequer humilde capela em toda aquela área.

Entretanto, espalhara-se a notícia de que, pelos primeiros dias de janeiro, chegaria àqueles lugares um Reisado, conhecido e admirado ali, há bem um lustro - o Reisado das Paulas. Com as chuvas

caídas recentemente e a esperança de um bom inverno, àquele ano, achavam-se bem dispostos os espíritos para acolher a manifestação folclórica que, na zona litorânea, organizavam costumeiramente os membros daquela família. Dali partiam para a sede e outras localidades do município, onde se exibiam sempre festivamente, trazendo um pouco de movimento e alacridade aos tristes agrupamentos interioranos, comumente sem qualquer vibração social.

Na tarde do dia 2 recebe o Coronel um bilhete, assinado por um dos irmãos Paulas, avisando que o seu *Reisado* deveria chegar à fazenda “Bom Retiro” pelas sete da noite, no dia seguinte.

Iniciam-se de logo os preparativos com a limpeza cuidadosa do terreno onde se faria a parte da representação ao ar livre. Serviçais foram enviados às fazendas vizinhas a fim de convidar pessoas amigas para assistirem à execução do folguedo popular. Como a luz elétrica ainda não chegara àquela zona da hinterlândia, tiveram de preparar alguns lampiões e grandes lamparinas a querosene, para a iluminação do terreiro e dos principais cômodos de residência. No dia seguinte, a cozinha teve movimentação desusada com o preparo das iguarias para os visitantes, que não deveriam tardar. Depois das seis da noite, conhecedor da praxe nessas situações, manda o Cel fechar as janelas e a porta de entrada da habitação. Dentro em pouco, um grupo de *figuras* mascaradas estaciona, por alguns momentos, a uns cinquenta metros de distância. São os *papangus*, que, em seguida, batem à porta principal, fazendo grande alarido. Cantam estes, exclamando, no seu linguajar rústico:

– “Ô de casa, gente nobre
Ô de fora, nobre gente
São chegados os Santos Reis,
Das bandas do Oriente

Santos Reis dêem licença
Que nós queremos cantar
Assim como, nós podemos
Deus do céu nos ajudar.

Esta casa está bem feita
Por dentro e por fora não,
Por dentro cravos e rosas,
Por fora manjericão.

Terminam a chamada “louvação” com mais algumas quadras cantadas. O dono da casa abre a porta, os mascarados dão boa noite e pedem licença para “brincar”. Invadem a sala trazendo com eles

um pequeno conjunto instrumental, formado de um tocador de cada um dos seguintes instrumentos: *harmônica*, *bombo* acompanhado de *pratos*, *cavaquinho* e *tamborim*. Os músicos colocam-se a um canto da sala e logo começam a tocar animado *baião*. Enquanto uns “*mas-carados*” se dispõem aos lados da sala, batendo palmas, em pé ou de cócoras, os outros, dirigidos pelo *vaqueiro*, que é personagem de destaque no folgado, dançam um *baião* bem sapateado. E assim vão-se revezando, sempre a sapatear, a requebrar-se na dança. A Velha, com a sua voz de falsete, o Vaqueiro a dar pancadinhas com o relho e a soltar breves gritos, os outros *Papangus* com as suas vozes disfarçadas, prendem a atenção dos circunstantes, principalmente os dois primeiros figurantes.

Eis senão quando uma alta voz ressoa no ambiente. Era o *Vaqueiro*, encourado, de pé, sobre a calçada do pátio: - “Sr. Cel. Zé Rodrigues, a gente pede licença pra “botá o Boi”. Atendida a solicitação pelo fazendeiro, saem todos para o terreiro, que se acha iluminado por algumas fogueiras e pela luz dos candieiros e lamparinas, fornecidas pelo proprietário. A essa hora, a sala principal e os alpendres se acham repletos de familiares e os convidados - pessoas gradas daquele lugar e os donos de sítios e fazendas vizinhos acompanhados de membros do seu convívio doméstico. Aí se encontravam, numa ambiência de alegre cordialidade: o major Chico Bastos, vindo de jipe, com o seu pessoal, das ricas terras do “Alegre”; Dr. Ribeirinho, que esquecera, há muitos anos, a medicina, pela produtiva fábrica de cera, instalada nos seus domínios rurais; o Coronel Lourenço, o maior criador de gado *vacum* e *equino* da região, chegado à tardinha com um grupo de cavaleiros, em suas valiosas montarias. Surgiam nesse meio de abastados sertanejos, alguns negociantes, estabelecidos na área com suas bodegas e pequenas lojas de tecidos e miudezas. Espalhavam-se pelo terreiro e imediações as pessoas de condição humilde, moradores, agregados, trabalhadores rurais nas lides do gado e das plantações, serviços domésticos e congêneres; caboclos e calmas, com as suas calças de brim ou de riscado e camisas de algodãozinho, chapéus de palhas de carnaúba e alpercatas de couro cru. Caboclas e cunhãs em seus vestidos de chita e trescalantes a perfumes baratos.

Como ocorre nas festas populares do interior, desde cedo começaram a armar-se barracas em certos trechos do espaçoso largo, fora do perímetro reservado á apresentação do folgado. Tendas de lona ou qualquer pano forte e grosso, com balcão e mesinhas para atendimento aos fregueses, destinadas à venda de bebidas como cachaça, vinho de caju, aluá, jinjibirra e comidas regionais: tapioca, batata doce e macaxeira cozidas, bolo de milho, grude, pé-de-moleque, etc.

Dentro da noite cálida e sob um céu muito estrelado apresentavam-se ali estratos dos mais sofridos daquele agrupamento folk: indivíduos de ambos os sexos, maiores e menores, que já haviam passado pelos tormentos de mais de uma crise climática devastadora e sem qualquer espécie de educação, mesmo a religiosa, pois o seu catolicismo era o chegado pela tradição oral, de mistura com superstições e crendices inerentes ao seu nível mental. Não possuíam sequer um horizonte psicológico que lhes desse consciência da sua participação social.

Difícil, pois, seria, nesse aglomerado de mulheres solteiras, entre os quinze e os trinta anos, afirmar quais seriam ainda virgens. Por outro lado, apontavam-se, ali, certas mães que viviam em comunhão conjugar e que não eram fiéis aos maridos. Detenhamos nossa atenção sobre aquelas duas alegres raparigas, que acabam de ingressar na barraca do Juvêncio: a Ritinha, filha de um morador no sítio “Jacutinga”, solteira, mas, de quem se diz em surdina que abortou de um filho do Coronel; a outra é a Constância, casada com o Pedro Henrique, serviçal da fazenda, com quem coabita e de cuja fidelidade vem desconfiando, há algum tempo, o próprio esposo. Por isso anda macambúzio e não sente muita graça no meio em que vive, supondo-se atingido pelo escárneo íntimo dos vizinhos e colegas de trabalho. Cessado o atordoante alarido que se espalhara por todo o ambiente, começa a 2ª parte da apresentação do Reisado, agora ao ar livre, no terreiro.

Aparecem sucessivamente as chamadas figuras, surge em primeiro lugar a *Ema*, que é modelada num tecido de cipós ou de embiras, sobre o qual se cosem palhas, de bananeira. É imitação muito destorcida do aspecto da ave, cujo vértice se alonga alguns centímetros para semelhar o seu pescoço. À extremidade deste adapta-se uma cabeça de madeira e pano branco, salvo no lugar dos olhos que são dois traços avermelhados, e do bico, que é escuro. Mede aproximadamente um metro e meio de altura e possui uma abertura na parte anterior para a entrada de figurante, a qual é encimada por outra de forma circular, onde esse indivíduo coloca a cabeça.

É cantada então a “moda” do animal recém-aparecido, atuando como solista o *Vaqueiro* e compondo o coro o resto dos *Mascara-dos*. O acompanhamento é feito pelo conjunto instrumental já referido. Canta o *Vaqueiro*:

– “Olhe o passo da ema
Penêro ô! Mas ela salta, ela grita,
Penêro ê!”

Responde o coro:

“Piruli-piruli
Piruli-uê!
Piruli-piruli
Piruli-uê!”

Pronuncia o *Vaqueiro* mais algumas estrofes, cada qual respondida pelo coro.

Enquanto dançam volteando, ou percorrendo em todos os sentidos, o espaço isolado para a representação, em companhia da *Ema*, que saracoteia, dá uns pinotes, procura aplicar bicadas nos circunstantes, vão os *Papangus* atirando lenços dobrados ou “embolados” aos presentes – *as sortes* – os quais sempre os devolvem contendo dinheiro. Às vezes, param um instante, a fim de receber as dádivas.

Depois de aplaudida calorosamente, de gritos, assovios, exclamações canalhas, da assistência, retira-se a *Ema*. No intervalo dançam e sapateiam os *Mascarados*, ao som do *baião*, que toca o pequeno, mas vivo, grupo de “tocadores”. Após alguns minutos aparece o *Caboré*. Seguem-se ao mesmo, como cenas da representação, o *Bode* e a *Burrinha*, os dois, como os anteriores, figurações grosseiras dos animais invocados. A estrutura geral do *ato* é a mesma; repetem-se as danças e os requebros das *figuras*, que provocam hilaridade e clamores entusiásticos dos presentes; a condição de solista do *Vaqueiro*, que canta e dança a *moda* do “bicho”, acompanhado pelo coro dos *papangus*. Há ainda duas *Figuras*, de aspecto fantasmal, cujo aparecimento no local da exibição surpreende e é causa do forte alarido. Chega, por último, o *Boi*, personagem central do espetáculo. O *Vaqueiro*, que soltava antes prolongado *aboio*, vem tangendo-o para o meio da área, e entoa os seguintes versos:

– “Meu Boi bonito,
Cacho de fulô
Tu bota essa “sorte”
Pra quem te chamô!

Garrote bonito
Do Tanque do mei(o),
Tu faz o que sabe
Qu’eu faço o qu’eu sei!
Meu Boi bonito,
Garrote manhoso,

Tu brinca decente
Meu Boi *carinhoso*.

Meu Boi bonito,
Que veio do sertão.
Tu brinca bonito
Meu Boi-*coração*!

Vez por outra escutam-se exclamações:

– “Vem cá meu Boi!
Meu Boi bonito!
Dá volta e meia!
Dá no *Caboclo*!
Dá na *Velha*!

Vem fazer medidas!
Espalha o povo!
Dança de frente!
Garrote *faceiro*!”

Acompanhado pelos *Papangus*, que dançam à sua volta, sara-coteia o Boi alguns momentos, ora fazendo piruetas, dando chifradas, buscando “pontiar” os circunstantes, ora todo se empinando e volteando no terreiro. Há um trecho em que o *Vaqueiro* canta ao som do acompanhamento instrumental, espécie de introdução, depois de que o canto do solista passa a ser alternado com o coro.

Realiza o Boi variadas evoluções coreográficas, que provocam o riso ou a admiração dos assistentes. É movimentado pelo ágil e robusto caboclo que se acha sob a sua armação, feita de cipós leves, forrada com esteiras de palhas de carnaúba e coberta de algodãozinho de cor branca. Anteriormente, alça-se um tanto a armação no formato de um pescoço, de onde pende, vestida também de pano, a cabeça do animal, cujos chifres, única parte da mesma que são naturais, são forradas de papéis-de-seda coloridos e trazem na ponta a esvoaçar, tiras dos mesmos papéis. A vestidura da armação se espíra aos lados inferiormente, varrendo o solo. Em baixo, todo curvado, se acha o indivíduo que movimenta o Boi a olhar o exterior por uma abertura colocada sob a cabeça da figura. Esta traz a cauda com a sua maçaroca, colocada no lugar apropriado. Acompanhado, por batidas de palmas e os meneios dos outros figurantes continua o Boi a dançar, vez por outra, arremetendo de chifres ou de cadeiras contra os *Mascarados*, a pedido dos circunstantes, que visam particularmente a *Velha*. Em dado momento, ao passar junto ao *Vaqueiro*, que está sempre a querer segui-lo, recebe forte panca-

da na cabeça com o cabo do relho, que o lança, ao solo, caído de frente, imóvel, figurando estar morto. Cercam-no os *Papangus*, que lamentam e choram a morte do animal. Ouve-se então:

- “Senhor, meu amo,
Meu boi morreu
Mandei buscar outro
Para pagar o seu.

O meu boi morreu
Que será de mim?
Manda buscar outro
Lá no Piauí!”

E outras estâncias, em que os dois primeiros versos são entoados pelo solista e os demais pelo coro. Seguem-se agitadas variações cênicas, que giram em torno da busca de um suposto autor da morte, que, alcançado pelos perseguidores, reza um *Pelo Sinal*, o da fome, e é batizado pelo *Vaqueiro*. Não há cura para o boi, que continua estático, na mesma postura inativa de quem está morto.

Cessados o choro e lamentações, trata-se agora do esquartejamento do *Boi* e distribuição das vísceras, representadas, simbolicamente, por lenços. O *Vaqueiro*, ainda mascarado, na sua irreverente disposição para pilheriar e gracejar, procede à oferta dos segmentos corporais do animal simbolizado, entre pessoas gradas e outras ali chegadas.

- “Do Boi o coração
É pra meu patrão.

Do Boi a passarinha
É da minha madrinha.

Do Boi a fussura
dou ao seu Ventura.

Do Boi o mocotó
Dou ao seu Chicó.

Fica o mucumbu
Para o João Lulu.

A língua e o filé
São do nosso Coroné.

A chã e o patim
São do mestre Joaquim.

O debuio do fato
É do Zé-Nonato.

A tripa gaiteira
É do velho Moreira

Do Boi os chifre
Dou ao Pedro Henrique!"

Teve de parar aí o audacioso *Vaqueiro* com a jocosa cantilena, porque o último citado interrompeu-a, bradando enfurecido, entre as gargalhadas dos ouvintes: - "Se você é home, repita o que disse, cabra severgonho!"

O *Papangu* encourado que fazia as vezes de *Vaqueiro*, não deu mostras de covardia ou arrependimento, parecendo ser desses indivíduos que a tudo se arriscam pelo prazer de um dito cômico ou hilariante. É imediatamente repetiu a oferta, que ao Pedro Henrique causou o efeito da maior ofensa moral. Os que conheciam o desassombro, o brio, a honradez do antigo serviçal da fazenda e suspeitavam das tribulações que vinha sofrendo, não se admiraram quando o viram partir em direção ao *Vaqueiro* para castigá-lo. Este, porém, era um sertanejo resistente. Rolaram ao solo por instantes, em furiosa luta corporal. E quando conseguiram desligar os corpos, foi já de peixeira na mão que prosseguem na encarniçada peleja. - "Eu te mato, cachorro dos infernos!" - "Então chegue para cá, seu infeliz!" O resultado foi o que era de esperar. Diante da grande massa de espectadores, em que se misturavam patrões e empregados, homens, mulheres e crianças, jaziam prostrados os dois contendores: já sem vida o *Vaqueiro*, que, retirada a máscara verificou-se ser um operário na fábrica de cera, que ali se achara, nessas funções lúdicas, a fim de substituir o personagem que viera com os Paula, adoecido repentinamente à hora da apresentação. Era um caboclo bem humorado, trocista, brincalhão, fazendo-se, por vezes, implicante em suas zombarias. Por isso, existia ali quem o evitasse, preferindo vê-lo de longe, embora se soubesse que ele era um trabalhador honesto e cumpridor das obrigações, parecendo ser aquele o seu único defeito. Foi enterrado na manhã seguinte no cemitério da fazenda. Alguns passos adiante ficou estirado no chão poeirento o Pedro Henrique, ainda vivo, a derramar sangue dos vários ferimentos que recebera do adversário. Em estado grave, foi transportado a um hospital na cidade

mais próxima, graças ao interesse do Coronel Zé Rodrigues que se prestou a levar o ferido na sua camioneta.

Antes de chegar ao término da apresentação, como fora prevista, abandonaram todos o local, sob o peso da inesperada tragédia.

- Que fim terá levado o Pedro Henrique? Terá escapado, para continuar penando o seu ingrato destino?!

Nada poderão, decerto responder - numa distância de além meio-século - as comoventes ruínas do casarão sertanejo, devastado completamente numa das enchentes do grande rio que dá nome àquela região.